
O amor que rouba os sonhos:
um estudo sobre a exposição feminina ao HIV
João Alberto Carvalho
São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003

O risco da procura do Amor, que só no céu vivia...

Maria Virgínia Filomena Cremasco Grassi

A lenda de Cupido ou Eros, conhecido por “deus do amor”, e Psique apareceu pela primeira vez nas obras de Apuleio, escritor do segundo século de nossa era. Portanto, um mito dos mais recentes das fábulas e tecitura do ideal de amor ao longo dos anos. Essa alegoria é apresentada neste recorte dos versos de T. K. Harvey sobre a busca de Psique (Bulfinch, 1999, p. 110):

Quando a mulher sem par, beleza peregrina,
Que de sofrer e amar e lutar teve a sina,
A terra percorreu, exausta, noite e dia,
Em procura do Amor, que só no céu vivia!

Essa concepção da mulher, cuja sina “de sofrer e amar e lutar, noite e dia, em procura do Amor”, talha uma imagem de “sujeito” especialmente voltada para os sentimentos, esse espaço privado do ser – a mulher, sem par, concebida no mito do Amor, é aquela que procura o “que só no céu” se vive, o que atesta o caráter idealizado de sua busca.

A idealização romântica da convergência entre casamento e amor, cuja felicidade humana está centralizada no casal, passa a ser “naturalizada” na Idade Média e uma prerrogativa cada vez mais acentuada da segunda metade do século XIX em diante, representada principalmente pelas mulheres.

Desde a intervenção religiosa, que desenha o pólo imaculado da feminilidade – associada à Virgem Maria – e contrapõe a visão da perversa desobediência de Eva, vemos em *História da vida privada* (v. 4) que o século XIX buscará na mulher o “anjo bom do homem. Acessível à piedade, nascida para a benemerência, a mulher deve fazer-se mensageira do ideal” (p. 519). A imagem da mulher, enquanto pólo organizador e disseminador do romantismo, centro do lar e da família, é veiculada na Europa em quase todos os círculos intelectuais do final do século XVIII.

Pelo amor se estabelecem novas bases para os relacionamentos, constituindo-se um ideal de complementaridade entre homens e mulheres, que, somente em função um do outro, são concebidos como completos, acabados: “quem pode querer ser feliz se não for por amor?”, diz a canção de Bosco hoje. E desde o romantismo a experiência amorosa ganha um valor central na vida dos indivíduos. Essa expectativa amorosa idealizada, talhada culturalmente, diz respeito à sexualidade monogâmica, à eternidade de sentimentos e aos padrões heterossexuais. O andrógino de Platão, o Um, ao ser separado em dois diferentes seres, teve no amor a garantia de que ao se juntar à outra metade, pervertendo a lógica, um mais um retornaria ao Um.

Assim, a cultura e suas diferenças resolvem-se por amor, que passa a ser o ordenador do funcionamento da vida e dos projetos pessoais. É esse o cenário no qual o Dr. João Alberto Carvalho desenvolverá sua pesquisa – estabelecendo uma profícua e competente discussão sobre as relações de gênero, os modelos românticos de funcionamento amoroso entre homens e mulheres e sua vertente imaginária, articulando com a vulnerabilidade feminina a doenças sexuais, particularmente à contaminação por HIV.

A crescente presença feminina nas estatísticas da Aids revela-nos mais do que um preocupante dado epidemiológico e de saúde pública que clama pela urgência de práticas de prevenção: revela-se a materialização da perspectiva assimétrica dos gêneros, na qual o lugar de desvantagem do feminino parece traduzir uma facilitação a riscos de exposição ao contágio, provenientes de dificuldades de negociação sexual com o masculino. E apesar de todas as pluralidades e mudanças nos comportamentos sexuais ao longo da história, é esse algo que permanece e *insiste* em nosso imaginário como ideal de comportamento aos gêneros que leva homens e mulheres, apesar de informados, a se expor a riscos de contaminação.

Como diz Cupido a Psique ao abandoná-la por tê-lo desobedecido e por ter iluminado seu semblante para conhecê-lo, curiosa por saber se ele se tratava ou não de um monstro: “o amor não pode conviver com a desconfiança”. É também a idealizada “cegueira” do amor que desfocaliza o outro de sua história, expon-

do os sujeitos a riscos como prova de veracidade da entrega amorosa: *o amor que rouba os sonhos*.

É dessa perspectiva que é abordada a posição feminina e sua situação diante da Aids. A hipótese é de que as relações de gênero e os ideais românticos e amorosos, por imporem arranjos reforçadores da subordinação feminina, podem facilitar a exposição da mulher ao contágio. Nesse terreno em que vicejam diferentes posições aos gêneros e no qual se articulam laço social e dimensão imaginária, informação apenas é insuficiente para a prevenção.

A própria construção do gênero feminino, no exercício de sua sexualidade nas relações sociais e conjugais faz prevalecer um papel histórico de submissão, complementar à dominação masculina. A situação opressiva vivida pelas mulheres, ou sua situação desvantajosa em relação aos homens, parece ser constante em todas as formações sociais e em diversos tempos históricos, incluindo o atual. Como diz Clarice Lispector (1981), revelando o traço da identidade feminina, em *A paixão segundo G. H.*: “acabei sendo meu nome”.

A proposta de trabalhar os ideais referentes aos papéis de gênero e os de amor romântico, articulando ambos ao registro da lógica psicanalítica do funcionamento imaginário, abre um campo de diálogo e de entendimento sobre aquilo que, com base no funcionamento psíquico de homens e mulheres, pode constituir terreno facilitador para a adoção de ideais fundados em imagens construídas socialmente. Ideais que inclusive dificultam considerar o outro como outro, com privacidade e histórias individuais, passadas e futuras, e não favorecem a reflexão conjugal sobre o que não é o “ideal”, como a discussão sobre prevenções que expõe simbolicamente a possibilidade de haver riscos: “esqueço que amar é quase uma dor”, diz Djavan em uma de suas canções.

Os vários discursos de mulheres em diferentes posições socioculturais, soropositivas e soronegativas, analisados cuidadosamente no livro, revelam que a vulnerabilidade à infecção associa-se à imagem articulada aos ideais românticos nos relacionamentos amorosos, ou seja, a relação existente entre a crença amorosa e o sentimento de isenção de risco. E o que corajosamente nos revela o trabalho de João Alberto é que somos transpassados em nossas atitudes por tudo aquilo que nos funda enquanto sujeitos; portanto, a prevenção ao HIV não se trata de informações sobre o contágio, mas de posicionamento subjetivo diante do desejo do outro – que desvela nossa filiação identificatória ao imaginário e ao laço social que nos funda como sujeitos.

Desprotegendo-se, protege-se o ideal de Amor numa replicação narcísica, especular, na qual o Outro que me completa amorosamente não pode ser alteridade, falhar, ter defeitos ou me causar mal algum: a busca de Psique pelo Amor, (n) o deus, que só no céu vivia!

Referências

- BULFINCH, T. *O livro de ouro da mitologia*. Histórias de deuses e heróis. Trad. David Jardim Júnior. 8 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- LISPECTOR, C. *A paixão segundo G. H.* São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- PERROT, M. (dir.). *História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Trad. Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- OBRAS COMPLETAS DE PLATÃO. In: *Collection Guillaume Budé*. Paris: Lês Belles-Lettres, 1920.
-